



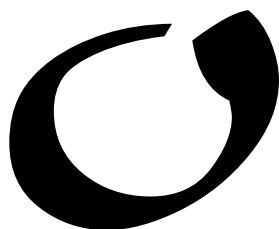
A Saga de

# Mitrax

# A Senhora das Moedas

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo



s remos mergulhavam na água. Quem os movia

não sabia, não havia olhado para trás. Talvez remar fosse uma incoerência, pois a correnteza já arrastava firmemente o barco para o norte. Apenas o que estava adiante interessava. Aquela água grossa e escura do Nenboreoin escondia segredos e terrores, como os corpos das vítimas inocentes. Mas era preciso ignorar isso e se concentrar no objetivo que vinha à frente. Ali, entre as brumas que se levantavam ao nascer do Sol e, no meio delas, um brilho, uma luz dourada e fulgurante, quase cegante, ocultando sua própria fonte. Mas, indubitavelmente, ela estava lá, estava lá!

Bethelguelse abriu abruptamente os olhos.

Seu coração palpitava e o ar quase lhe faltava. Pôs-se sentada na cama, o mais rápido que as dores nas costas permitiam, ou melhor: nos rins. A sede era tanta que parecia não ter mais água dentro do corpo. E sabia porque: suara a noite toda. Olhou pela janela, procurando as primeiras luzes matinais que adentravam em seu modesto quarto, e constatou que ainda estava em Lumeræe. “Ótimo!”, pensou ela, constatando que sonhara. “Agora sei onde está!”.

Pôs-se de pé, tateando o chão com os pés, procurando os chinelos. Já não era uma operação fácil. Já não era jovem, mesmo para uma maga. “Tenho que encontrar aquele lazarento!”, pensou, imaginando onde Rigel estaria. “Se ele ficasse quieto e não passasse todo o tempo correndo atrás de um rabo de saia!”. E, ao achar os chinelos, sem ao menos pensar em tirar a camisola, tratou de sumir do quarto, entregue aos próprios pensamentos: “Mas eu vou buscá-lo já, e levá-lo puxando-o pelas orelhas!”.

-Bela! Belatrix Maria! – gritou, ao chegar ao salão principal do *Hotel* de Lumeræe.

Bethelguelse sabia que a jovem maga já havia acordado. É claro, já ouvia as gargalhadas das crianças do lado de fora. “A que horas essas pestinhas acordam? Ou não foram dormir?”.

-Belatrix! – gritou, com toda a força dos pulmões.

Dois segundos depois, a menina de 13 anos chegou esbaforida. Já usava a bata tradicional dos magos de Lumeræe.

-Sim, senhora! – exclamou ela, parando diante da mestra e batendo continência.

Bethelguelse a olhou com um olho só, colocando ambas as mãos na cintura.

-Já levaste as receitas para a vila?

Belatrix levou um susto. “As receitas!”, pensou ela.

-Eu... hã... eu... estive muito ocupada! – desculpou-se. Na verdade, tinha se esquecido.

-Há quanto tempo te pedi para fazeres isso? – perguntou a maga mais idosa, com voz dura.

-Hã... – foi a resposta da jovem. Depois, ela colocou um sorriso amarelo na face e continuou: -...três dias?

Então, Bethelguelse ergueu um dedo em direção à menina e ameaçou:

-Pois trates de ir até lá agora! Eu vou sair e se a minha carruagem passar por ti embosterando na porcaria da estrada, vou arrancar a sua orelha!

Belatrix arregalou os olhos e balbuciou, saindo correndo:

-Sim, senhora! Sim, senhora!

A maga mais velha esperou a jovem sair. Depois caiu na gargalhada.

Belatrix bem que tentou atravessar a praça o mais rapidamente possível, mas não deu lá muito certo, pois as crianças que estavam por ali passaram a correr atrás dela, implorando:

-Bela! Bela! Conta uma história!

-Agora não posso! – disse ela, andando depressa. – Tenho uma coisa importante pra fazer!

-Só uma! Só uma! – insistiram.

-Não posso! Não posso! – respondeu, continuando a andar.

Mas algumas crianças a ultrapassaram e se ajoelharam diante dela, colocando as mãos unidas, como se estivessem a rezar:

-Umazinha só! Por favor!

Diante daquilo, a maga se deteve. Olhou para um lado, olhou para o outro, e pensou que Bethelguelse ainda devia ir tomar banho e ajeitar muitas coisas antes de sair. Conhecia os costumes dela. Então, suspirou, e disse:

-Está bem! Mas uma só!

As crianças se regozijaram e se sentaram em torno de Belatrix, sem prestar atenção onde estavam, atrapalhando, na verdade, o caminho de transeuntes, carroças e feirantes que por ali passavam, no agitado início da manhã. Mas a maga também era distraída e também não notou o quanto atrapalhavam. Assim, colocou a mão no queixo, coçando-o e pensou em voz alta:

-Hum... deixa-me ver...

As crianças, na expectativa, se colocaram nas posições mais interessantes. Algumas apoiando a cabeça sobre as mãos e outras, simplesmente com os olhos arregalados e bocas abertas.

-Bem, já fazia quase um ano que a pequena elfa bóreas Dora e o ranzinza gnomo Broer moravam naquela casinha no meio da floresta. E, naquela época, Dora estava meio ressabiada porque ela trabalhava cada vez mais e Broer fazia corpo mole, trabalhando cada vez menos. E toda a comida, ela era que tinha que sair e pegar. Mas estava chegando um dia muito especial e ela bateu o pé com Broer para ele ir apanhar morangos para fazer uma torta. E tanto Dora insistiu – sabendo que o gnomo adorava tortas de morango – que ele acabou indo. E, na floresta, havia um vale encantado, onde cresciam morangos grandes, vermelhíssimos e suculentos. Mas só existia uma entrada para o vale, que era através do tronco de uma árvore que tinha uma fenda grande o suficiente para passar um gnomo, mas não um homem grandão. E Broer caminhou até aquela árvore, resmungando e levando uma cestinha e, quando lá chegou, adivinha o que aconteceu?

Mas as crianças não tinham a mínima idéia do que teria acontecido. Então, deram de ombros, e Belatrix continuou:

*Quando ele chegou, estava lá um grupo de outros gnomos discutindo, em torno da árvore. E estavam, assim, na maior discórdia há um tempão. Broer não se aproximou de uma vez, mas ficou um pouco longe, ouvindo, sem que os outros o notassem. E, assim, ele pôde descobrir o que estava acontecendo. Os gnomos também estavam ali para colher morangos, mas, como de costume, mandaram um deles entrar no vale e os outros esperaram que ele retornasse, com uma cesta cheia daqueles desejáveis frutos. Mas o gnomo enviado não retornou. Os demais esperaram e esperaram, mas nada dele. Então, como era de costume, resolveram mandar outro. Esperaram também um tempão, mas o segundo gnomo não retornou. Depois, decidiram mandar um terceiro. E esperaram ainda mais, mas o terceiro também não retornou. E, assim, foram enviando mais e mais gnomos, um a um, e esperando um tempão – e já estavam lá há dois dias – mas nenhum deles retornou. Dos vinte gnomos originais, só restavam quatro e, agora, discutiam acaloradamente o que fazer. Mas Broer resolveu intervir, porque ele sabia que quando os gnomos passam a discutir o que fazer, vários dias são necessários até resolverem algo. Então saiu da moita, pulando ameaçadoramente diante dos demais gnomos, com os braços abertos e cara de bravo. É claro que eles tomaram o maior susto e, já assustados pelo desaparecimento dos demais, saíram correndo por várias direções diferentes.*

*Após rir um bocado, Broer ajeitou a sua cestinha no braço e atravessou o tronco da árvore, entrando no vale. Caminhou e caminhou em direção ao local onde estavam os pés de*

*morango. Ele sabia onde ficavam pois já estivera lá muitas vezes. Mas, quando já estava quase lá, deparou-se com um gnomo, deitado de qualquer jeito sobre a relva, dormindo e roncando alto. E, pelo jeito dele, Broer logo deduziu que comera muitos morangos, pois estava com a barriga estufada.*

*Andando um pouco mais, se deparou com outro gnomo nas mesmas condições, dormindo de bruços, com o nariz enfiado na grama, parecendo bêbado de tanto comer morangos. Quando já estava quase no local dos pés, viu outros gnomos, também dormindo e roncando e logo deduziu o que tinha acontecido, pois isso já tinha acontecido muitas vezes: os gnomos, ao avistarem aqueles enormes e vermelhíssimos frutos, não resistiram e comeram pra valer e todo mundo sabe que gnomo de barriga cheia tem sono. Assim, dormiram e não retornaram mais.*

*É claro que Broer achou eles uns bobos e chegou nos pés. Bem, já não havia muitos morangos e ele apanhou os que podia. Mas acontece que, a essa altura, depois de muito caminhar, ele estava com fome. E isso fora mais agravado pelo fato dele ter emburrado em casa e se recusado a almoçar. Então, é claro, ele não resistiu àqueles suculentos morangos e começou a comê-los. E uma característica daquelas frutas é que, uma vez que tu comeses a devorá-los, não queres parar mais. E assim foi, ele comeu, comeu e comeu, até não poder mais, até esgotar todos os morangos e sua barriga estufar. Logo depois disso, um sono terrível o acometeu e, então, despencou no chão, já roncando, enquanto ainda mordida o último morango.*

*E dormiu por um dia inteiro, vindo acordar somente no dia seguinte. Quando abriu os olhos, sentando-se na relva e olhando para os lados, constatou que os outros dorminhocos já se haviam ido. Então ele se lembrou o que estava fazendo ali, mas notou também que já não havia mais morangos no vale. Assim – fazer o que? – ele voltou para casa, resmungando ainda mais.*

*Quando Dora o viu se aproximando, batendo os pés duramente contra o chão e resmungando de cabeça baixa, ela perguntou onde estava os morangos, mas ele balbuciou qualquer coisa que ela não entendeu, entrou na casa batendo a porta e sumiu, enfurnando-se no seu quarto, pelo resto do dia.*

*Depois, ele apareceu só no dia seguinte, saindo do quarto somente quando o Sol já estava alto. Quando saiu da casinha, viu que Dora chorava sentada num banquinho de madeira, sob uma árvore frondosa. Bem, ele era ranzinza, mas não tinha um coração de pedra. Assim, ficou com pena dela, aproximou-se e quis saber o que tinha acontecido. E Dora, de tanto chorar, não conseguia falar direito, mas deu para entender mais ou menos o que ela queria dizer, sob aquela chuva de lágrimas, que se espirravam a um metro de distância:*

*-Buááá!... Hoje é teu aniversário... Buáááá!... Eu queria fazer... fazer uma surpresa... Buáááá!... Eu pedi para os gnomos da tua tribo para irem buscar morangos... Buááá!... Pra fazer uma torta... Buáááá!... Mas eles... eles não trouxeram! Buáááá!... Aí eu mandei você... Mas... mas... Buáááááááá!*

*Bem, ela não conseguiu dizer mais nada, é claro, mas Broer entendeu tudo. Fora ranzinza ao ponto de nem explicar-lhe o que havia acontecido e egoísta a ponto de comer todos os morangos que restaram e o pior era que ficara sem a torta, em seu próprio aniversário, que ele, de tão ranzinza, se esquecera de que dia era. Então, a Broer, tomado pela emoção, não restou mais nada a fazer, a não ser desmaiar, vindo a cair de costas, com as pernas para o ar, enquanto Dora inundava o quintal, com um mar de lágrimas.*

Algumas crianças riram muito da história, outras ficaram pensativas, com as testas franzidas. Mas o fato era que Belatrix estava atrasada. Então, ela se despediu das crianças e saiu correndo.

E não demorou muito para que Bethelguelse pegasse a carruagem, que já estacionara em frente ao *Hotel*. Ao contrário do que previra Belatrix, a madura maga estava com pressa, mas passaria por Belatrix na estrada que descia o Monte Lumerae sem que a notasse, tal era a profundidade dos seus pensamentos. Instalada de forma displicente no interior da carruagem, pensava em Rigel. Onde estaria aquele salafrário?

-Os seus olhos são como o céu necessário, que nos providencia o ar e que morreríamos se não o tivéssemos! – Rigel disse essas palavras românticas, com tanto ardor, segurando firmemente a moça nos braços, que ela perdeu todas as forças. Olhava para ele apaixonada, vestida apenas com uma camisola de lã amarela, e ofegava.

-Meu amor - continuou o mago galante, - tu és o teor dos meus sonhos, o acalento de qualquer homem sobre o mundo e o sentido da vida!

Ela não conseguia nem falar, tal o seu grau de arrebatamento. Ele aproximava os seus lábios aos dela e já sentia a sua respiração acelerada. Mas, ao mesmo tempo, abria a gaveta superior de sua penteadeira, pois estava no quarto da moça, a altas horas da noite. E, quanto a seduzia mais e mais, retirou um papel dobrado da gaveta, uma carta.

Mas, quando os seus lábios estavam quase encostando, um brusco barulho os interrompeu, quebrando o clima de romance.

-Lívia, abre! – uma voz ameaçadora soou por trás da porta, acompanhado de um vigoroso bater na madeira. – Abre imediatamente!

A moça colocou ambas as mãos sobre os lábios e, com os olhos arregalados, balbuciou:

-Ih! É o meu pai!

Rigel se sobressaltou e disse:

-Xi! Sujou!

Então, apanhou o chapelão que estava sobre a cama da moça, o Capelo de Atoz, fez uma medida com ele, não deixando de se inclinar, e declarou:

-Tenho que ir agora, formosa donzela, mas meu coração sofrerá até vos ver novamente!

Ela não sabia se, encantada, sorria para ele, ou se, assustada, se desesperada com a entrada iminente do pai no quarto, pois a porta já era forçada com murros vigorosos, então, limitou-se a unir as mãos sobre o peito. Rigel já estava com uma perna sobre o vão da janela, segurando o Capelo na mão, mas lembrou-se de algo:

-Minha varinha!

A Vara de Vareour estava descansando contra um canto do quarto, então, ele retornou para o interior, apanhou-a e voltou a pular pela janela, um tanto desajeitadamente, não sem antes tascar um beijo no rosto da moça, que suspirou de paixão. Mas, quando ainda estava com uma perna no interior do quarto, a porta, arrombada, se abriu, revelando não apenas o pai furioso, mas também uma meia dúzia de arqueiros.

O pai, indignado, ainda viu o rosto de Rigel que sumia no lado de fora e ordenou:

-Atirai!

Os arqueiros dispararam e as flechas atravessaram a janela, mas Rigel já não estava mais lá. Desajeitadamente, segurando a vara numa das mãos e o Capelo na outra, caminhava pelos telhados vizinhos, procurando não cair.

As cabeças dos arqueiros surgiram através da janela, procurando o mago e, quando o viram, passaram a disparar novamente, mas Rigel deixou-se rolar por um lado inclinado do telhado e, de fato, caiu, mas, por azar – ou talvez sorte – caiu sobre o lamaçal de um chiqueiro, o que lhe amorteceu a queda. E, então, todo sujo, deslocou-se de quatro até um local onde não poderia ser visto, e os soldados, que agora corriam pelos telhados, caindo e se levantando, não o viram.

Todo sujo de lama e fezes de porco, Rigel sentou-se na sujeira e retirou o papel do bolso. Desdobrou-o, enquanto espantava os porcos que queriam lambê-lo, e leu o conteúdo da carta. Não era um conteúdo revelador, pois o escritor tivera o cuidado de não deixar pistas:

*Querida irmã,*

*Não posso dizer onde estou, mas te digo que estou muito bem. Estou num lugar onde me acolheram. Tudo o que posso dizer é que encontrei a mulher que abriga os condenados e, pela minha própria vida, juro que a seguirei e a servirei.*

*Te amo muito,*

*Teu irmão.*

Mas não tinha importância. Agora, Rigel sabia que tinha uma pista nas mãos.



#####

Os primeiros raios de sol atingiram os seus olhos cinzentos, que já estavam abertos, aguardando o dia raiar. Então, decidiu levantar-se, sem esperar pela aia. Em cinco minutos, trocou-se, colocando-se num vestido dourado, que pouco contrastava com os seus cabelos, e passou a escová-los, até ficarem perfeitos. Somente então a aia apareceu.

Abriu a porta o mais silenciosamente que podia, na esperança da ama ainda estar dormindo e, ao vê-la já vestida, abaixou a cabeça, com medo e humildade, e balbuciou, num volume de voz que mal poderia ser ouvida:

-Perdão, senhora... Mil perdões...

-Estás extremamente atrasada! – disse a moça, com voz imperiosa e enérgica, sentada sobre o banco de madeira, defronte à penteadeira, sem ao menos se virar para olhar para a aia.

Esta era uma mulher de meia idade, ou, talvez, não fosse tão velha assim, antes, seria castigada pela sua pregressa dura vida, que tivera que enfrentar antes de se tornar a aia da filha do conde. De fato, tinha a pele murcha e carcomida, embora ainda não tivesse chegado aos quarenta.

-Perdão, senhora... – tornou a dizer, tremendo.

-E qual é a desculpa desta vez? – indagou soberanamente a ama.

A mulher hesitou por alguns instantes, imaginando se a senhora daquelas terras iria compreendê-la ou não. Não sabia se devia dizer a verdade. O que sabia era que a sua senhora era famosa por sua rigidez. Contudo, não conseguiu pensar em nada, além da verdade:

-Meu filho, senhora... está terrivelmente doente. Tive que ficar um pouco mais com ele... Isto é, até ter a certeza de que estaria bem...

-E quem está com ele agora? – indagou a senhora, ainda sem se virar, ainda a mirar a sua rígida face no espelho.

-Está sozinho, senhora. Mas... ele está bem... – continuou a aia, sem muita convicção. – Posso voltar às minhas funções agora. O que desejais que faça?

-Compreendes que fugiste às tuas obrigações! – disse a jovem senhora, levantando-se e caminhando para outro canto do quarto, sem ao menos dirigir o olhar para a serva.

-Sim, senhora. Sei que falhei... Se desejares me dispersar... compreenderei!

A moça se aproximou de uma caixa metálica, uma robusta caixa de aço. Colocou ambas as mãos sobre o objeto, deslizando-as sobre a sua superfície, enquanto falava com voz suave, mas firme:

-Sabes que deverias ser punida pelo atraso, não sabes?

-Sim, senhora. Se quiserdes...

A caixa estava cheia de moedas de prata.

-Silêncio! – interrompeu a moça, energicamente. Ao mesmo tempo, mergulhando os dedos nas moedas. – Já sei o suficiente.

A aia abaixou a cabeça, esperando pelo pior. Mas a senhora estendeu-lhe as mãos, cheias de moedas.

-Toma!

A aia ergueu a cabeça.

-Não estou entendendo, senhora... – disse, assustada.

-É para o teu filho – explicou a senhora. – Para comprar remédios e o que mais precisar.

-Senhora, eu...

-Toma! – ordenou a moça.

A aia apanhou as moedas, entre as palmas das mãos. A senhora deu-lhe as costas e tratou de fechar a caixa, dizendo, ainda energicamente:

-E estás dispensada por três dias. No quarto dia, quero te ver de volta aos teus afazeres!

A aia hesitou, um tanto desorientada, mas acabou dizendo:

-Senhora, eu não tenho como agradecer...

-Vai! – ordenou a senhora, ainda de costas.

-Sim, senhora! – respondeu a aia, feliz, e, mesmo que a ama não pudesse vê-la, fez uma mesura, inclinando os joelhos levemente e abaixando a cabeça, balbuciando:

-Muito obrigada!

E saiu.

A ama olhou pela janela, pensativa. Deu um suspiro. Mas a sua manhã lhe reservava outras emoções.

Dali a não muito tempo, o seu pai irrompeu no quarto, entrando sem bater. Encontrou a moça olhando pela janela, pensativa.

-Anahar – disse, sem rodeios, - estou de partida!

Ela se virou, mirando-o, analisando-o detalhadamente.

-Para onde vais, meu pai? – indagou, um tanto séria.

Ele era um senhor encorpado, com mais de 100 kg, com bigodes de costeletas e um tanto calvo: o Conde de Dalbathea. Suspirou, parecendo lamentar-se:

-Não sabes o que aconteceu... Receberemos a visita do rei em Dardania.

-O rei? – repetiu ela, não conseguindo esconder um pouco de preocupação.

-Sim e já está vindo para cá! Deve chegar em dez dias!

-E o que ele quer? – questionou Anahar.

-Dizem que ficou sabendo que criminosos são escondidos em Dalbathea... – explicou o conde meneando a cabeça, parecendo inconformado. – Tenho que encontrar esses malditos, antes que o rei me considere um traidor!

A moça suspirou fundo e desviou o olhar. Depois completou, demonstrando uma certa frieza:

-Tenho certeza que os encontrará...

Então o pai olhou bem para a filha. Pensou por alguns instantes, fazendo com que a musculatura do seu rosto contraísse periodicamente, como se hesitasse em falar. Mas, por fim, disse:

-Vem comigo, filha!

-Não! – disse ela, imediatamente, sem hesitar, olhando nos olhos do pai.

-Eu sabia, não sei porque perguntei! – exclamou ele, sem se surpreender.

-Não vou retornar a Dardania, pai. Deixa-me aqui, onde a dor é menor...

-Quando vais te esquecer de tua mãe? Ela se foi, ouviu? – desabafou o pai, abrindo os braços. - Nunca mais a verá!

-Pelo menos eu não tenho que olhar para aquelas paredes e recordá-la...

-Mas não podes ficar enfurnada nesse palácio para o resto de sua vida! – gritou ele. Depois pareceu se acalmar, e acrescentou, num tom mais baixo: - Depois... já tens 17 anos...

-Não vais me dizer de novo que estou velha e preciso me casar! – esbravejou ela, mas sem perder o controle.

-Nunca disse que és velha... Mas já está na hora de casares sim!

-Eu não quero! – disse ela firmemente.

-Nem para salvar a vida do teu pai? – questionou ele, o mais calmo que podia.

Ela se sobressaltou. Desviou o olhar novamente, parecendo levemente perturbada.

-Como?

-Se eu não encontrar quem está escondendo os criminosos... bem, Broer pode me considerar um traidor e...

Anahar entendeu tudo. De fato o pai gostaria que a filha se casasse. Já a pressionara há um longo tempo. Mas ela nunca imaginou aquilo: casar-se com o rei de Brenor!

-Pai... ele já é casado – argumentou ela, com voz baixa, mas segura. – E depois, é gordo, feio e sujo!

O conde ignorou o que ela disse sobre o rei. Concentrou-se na primeira questão:

-Ele já tem duas esposas, sim. É polígamo, como todos os reis dos clãs das Montanhas da Lua. Ainda, as suas esposas não são brenorianas. Se te casares com ele, serás a legítima rainha de Brenor!

-Esquece! – disse ela, firmemente.

-Está bem, Anahar. Fica aqui, se quiseres – disse ele, segurando-se para não explodir.  
- Mas nossa conversa sobre isso ainda não terminou!

Então, saiu, batendo a porta.

Anahar olhou novamente pela janela e sabia que não tinha alternativa. Teria que se casar com o rei que tanto odiava se a vida do pai estivesse ameaçada.

#####

Ismar, 748 EGRR.

A taberna estava impregnada com um forte cheiro de cerveja derramada, vinho azedo, suor e leves tons de vômito. Mas Rigel já estava acostumado com aquilo e, no seu costumeiro bom humor, chamava aquilo de “perfume da gleba”. Evidentemente, ainda estava sujo de lama e fezes de porco e, assim, tão logo entrou no recinto, encheu o peito e respirou fundo, com uma expressão de contentamento.

Bem, talvez não o devesse, pois a taberna estava abarrotada de soldados de Broer. E, além desses, havia tanta gente que nem pensar em encontrar uma mesa livre. O jeito foi caminhar até o balcão e, sem tirar o Capelo, bater na madeira com a vara.

-Cerveja! – ordenou.

Logo, uma caneca deslizou pelo balcão até próximo a sua mão. Ele a deslocou para apanhar a caneca, mas não se concentrou nisso. Os seus ouvidos aprumados captavam o que se falava em volta. Risos, xingamentos, palavras ébrias e distorcidas. Nada além do que seria de se esperar. Mas Rigel, naquela época, não era um mago que podia ficar muito tempo longe de encrencas. E a encrenca apareceu logo, quando nem estava na metade da caneca.

Começou quando um velhinho, mais bêbado que um gambá, levantou-se com uma jarra de cerveja na mão, quase vazia, e propôs um brinde:

-Ao rei Broer!

Isso chamou a atenção dos soldados que estavam ali, comendo e bebendo, que repetiram, em forte e bom tom:

-Ao rei!

Mas a Rigel pareceu que o velho queria mesmo chamar a atenção dos soldados, e estava querendo se meter em confusão, pois completou, falando alto:

-Ao rei e toda a sua corja de puxa-sacos, covardes e estúpidos!



*Rigel, na época de Broer. Este retrato é uma representação aproximada do mago lumeraeano, em meados do século VIII. Na verdade, ele era um pouco mais magro, mas tinha esse mesmo ar galanteador (Por: Rembrandt).*

Fez-se silêncio no recinto. Alguns soldados olharam para o seu capitão que, logo, se levantou e, caminhando vagarosamente, aproximou-se do velho. Não foi difícil para Rigel antever que o velho se tratava de um pobre coitado que, provavelmente, dali a pouco, seria executado.

“Lá vamos nós de novo!”, pensou o mago, já se virando.

O capitão agarrou o velho pela camisa e inquiriu:

-O que disseste?

O velho não se fez de intimidado. Estava muito bêbado. Assim, parecendo não se preocupar, repetiu:

-Falei que vós, corja de Broer, não passam de ratos sem vergonha!

O capitão já ia deferir um soco contra o rosto do velho, mas sentiu um objeto lhe tocar às costas. Era Rigel, que o cutucava com a vara e dizia:

-Perdão, senhor. Se me permitires, podemos esclarecer a situação.

O capitão voltou-se irritado e olhou espantado para Rigel. Não sabia que se tratava de um mago. Somente achou-o a figura mais estranha que já vira, usando um chapelão exageradamente grande e uma longa vara fina, que parecia um pedaço de bambu, e uma roupa toda suja.

-Não te metas onde não és chamado! – esbravejou o capitão.

-O ancião nada vez, comandante. Trata-se de um pobre homem! – Rigel disse isso com um olhar penetrante.

-Será executado – respondeu o capitão, mas sem muita veemência.

-Não será executado – tornou a dizer o mago, com voz segura e ainda o olhar penetrante. – Será solto, pois se trata de um homem fiel ao reino.

O capitão pareceu hesitar. Depois repetiu, como que hipnotizado:

-Um homem fiel ao reino...

E tudo iria correr muito bem, sendo que Rigel já estava prestes a sugerir que o capitão ordenasse a soltura do velho, quando um dos soldados se levantou e, com um ar espantado, disse:

-Eu conheço esse aí! É Rigel, o mago. Ele está enfeitiçando o capitão!

Então todos os soldados se levantaram e se aproximaram do mago. Este recuou um passo, dizendo:

-Calma, cavalheiros. Tenho certeza que poderemos resolver a questão de maneira civilizada!

Mas os soldados não queriam resolver a questão de maneira civilizada. O acusador já gritava: “Vamos pegá-lo!” e vários braços já estavam se aproximando. Rigel viu que estava cercado, tendo o balcão às costas. Os encantamentos, nessa situação, seriam inúteis. Poderia tentar um “coagulatio”, mas não poderia paralisá-los todos. Poderia tentar um “iluminatio”, para cegá-los, mas não havia caminho desimpedido por onde pudesse fugir. Então, o jeito foi se deixar apanhar, ainda mais considerando que o velho já escapava de fininho, e procurar fugir quando fosse arrastado para fora.

E foi o que aconteceu. Muitos braços o agarraram e o arrastaram, até que foi jogado na poeira, numa das estradas de pedra da cidade. Quando se virou, ainda no chão, pôde ver que estava cercado, por pelos menos duas dúzias de soldados com as espadas na mão. O capitão, já recuperado, dirigiu-lhe a palavra, com um tom irônico:

-De que maneira escolhes para morrer?

Rigel simulou um sorriso amarelo, procurando segurar mais firmemente a vara, e respondeu:

-Eu escolho... coagulatio!

E, com a vara, tocou o capitão, que ficou paralizado. Ele sabia que, com o líder não podendo proferir qualquer ordem, os soldados ficariam momentaneamente desorientados. Então, em seguida, já sentado, bateu a vara no chão, entoando:

-Illuminatio!

E uma luz muito forte surgiu, permanecendo por segundo, e cegando a todos. Mas Rigel, sabendo o que ocorreria, fechou os olhos, e tratou de engatinhar numa direção que escolhera previamente. É claro que teve que forçar a passagem por debaixo das pernas de um soldado, derrubando-o.

Mas era pleno dia e a vara não havia se recarregado completamente, então, o efeito do encantamento passou logo e, então, após alguns segundos, Bethelguelse, que passeava pelas ruas da cidade de Ismar, finalmente encontrou o seu companheiro. E isso não se deu da maneira mais apresentável, acontecendo da seguinte forma:

Os pássaros cantavam e transeuntes passeavam conversando tranquilamente pelas ruas, quando a paz foi perturbada por uma corrente de gritos. Em princípio, tais gritos eram distantes, mas foram intensificando de volume rapidamente, até que, por uma esquina, surgiu Rigel, atrapalhadamente procurando erguer a barra de seu hábito, segurando ao mesmo tempo a vara e o Capelo na cabeça, correndo como um louco.

Riguel passou por Bethelguelse sem se deter. Apenas elevou um pouco o chapéu e disse:

-Olá, Bethe!

Dali a pouco, o pelotão de soldados apareceu correndo atrás dele, também passando pela maga. Ela olhou para o alto e apenas murmurou:

-De novo!

E saiu correndo atrás dos soldados. Mas ela não podia correr muito rapidamente, devido à idade, então tinha que agir rápido. Retirou a varinha de dentro do seu hábito, apontou-a aos soldados que se distanciavam e gritou:

-Coagulatio!

A varinha de Bethelguelse era muito mais poderosa que a Vara de Vareour, para esse tipo de encantamento. Assim, um halo transparente atingiu os soldados paralisando-os.

Bethelguelse se empertigou, enquanto Rigel continuava a correr, descendo uma ladeira desembestadamente. Mas a maga sorriu, pois, agora, havia encontrado o companheiro.

Mais tarde, encontrou-o efetivamente, num beco entre sobrados de pedra. Rigel estava ainda se escondendo, quando Bethelguelse o puxou para um canto pouco iluminado.

-Metido de novo em encrencas, não é, seu jacuçu do brejo! – exclamou a maga.

-Eh, olá, Bethe, como vai? – respondeu Rigel, com um sorriso amarelo.

-Sabes quantas vezes eu tive que te tirar de uma porcaria de uma cadeia? – retornou ela, estreitando os olhos e segurando ele firmemente pela parte frontal do hábito.

Rigel pensou.

-Bem... acho que umas seis vezes... Mas não fui preso agora! – completou, com um dedo em riste.

-Oito vezes, Rigel, oito vezes! E desta vez não o foi porque eu cheguei antes da maldita hora em que aqueles ratos de Broer iam colocar suas mãos imundas em ti!

-Mas esqueces, minha cara, daquela vez em que não me tiraste da cadeia de Porto Gaivota. Minha fuga foi espetacular!

-Ah – retrucou ela, caçoando, - chamas aquela porcaria de fuga de espetacular? Deixar-se cair no mar todo amarrado? Se eu não tivesse chegado, teu emporcalhado esqueleto estaria ainda lá, no fundo do mar!

-Não estás brava comigo, estás? – indagou ele, fazendo charme, tentando derreter aquele coração endurecido.

Ela tentou ficar séria, mas estava morrendo de vontade de rir. Então, mudou de assunto.

-Tive outro sonho... temos que encontrá-la, Rigel. E acho que sei onde está!

-Quem? A rainha?

-É claro, seu burrardo! - exclamou ela. Depois baixou o tom de voz, como se estivesse entristecido: - Eu estava num barco, que rumava para o norte... eu sei que era para o norte, entendes... Depois... o rio parecia o Nenboreoin... tenho certeza que era, pois terminava numa cachoeira que penetrava o solo... E ela estava lá, vestida de dourado, com aqueles longos cabelos louros, me esperando... Ela está em Irimodasta, Rigel!

-Irimodasta? Coincidência! – disse o mago, espantado.



-Por que coincidência?

-Também obtive uma pista daquele que está abrigando os dissidentes – disse, tirando a carta de dentro da roupa. – Olha!

E entregou o papel à maga. Bethelguelse o desembulhou e leu:

-É só a porcaria de uma carta de um irmão para a irmã. Não tem nada aqui!

-Mas o papel, Bethe, cheira ele!

Ela cheirou e fez cara feia.

-Ah! Perfume de mulher! Como obtiveste essa carta, Rigel?

-Bethe, não é isso...

-Aposto que se aproveitou dela, não foi? Sabes quantas vezes foste preso por seduzir inocentes jovens?

-Bethe, o outro cheiro, vê o papel?

-É o papel mais vagabundo que eu já vi!

-Pois é! E o cheiro é inconfundível! Onde mais haveria árvores da espécie *Armônia habilis*?

-Dalbathea! – exclamou ela, espantada.

-Justamente!

-Então o que estamos esperando? Vamos pegar um barco para o norte!

-Nós? – indagou Rigel, brincando. – Não sei não. A dona dessa carta me pareceu muito interessante. Acho que devo devolvê-la à sua verdadeira dona!

-Toma tenência, menino! – advertiu ela.

-Ora, Bethe, já sou um homem feito! – retrucou o mago, ainda brincando.

-Ah, cansei de ficar proseando inutilmente. Vamos embora!

#####

O acampamento do rei foi armado pouco ao norte da Ponte dos Magos. Castor se deteve no meio da ponte, na sua parte mais elevada, e passou a observar as flâmulas vermelhas que tremulavam sobre as tendas, tendo estampas das Montanhas da Lua. Estava acompanhado por um casal de puros-sangue lumeraeanos, brancos e sem nenhuma mancha, mas não os montara. Preferia assim, caminhar ao lado deles. Estavam destinados ao rei, um presente.

Respirou fundo. Bethelguelse dizia que estava na hora dos magos deixarem novamente o Monte, pois o mal avançava pelo mundo. Passou a andar novamente, sua missão era difícil. Como convencer um homem corrupto a fazer o bem?

Castor estava em sua segunda encarnação como mago. Talvez uma e meia, considerando que, na anterior, não fora propriamente um mago. Ele já não era mais jovem. A maior parte do cabelo caíra, restando-lhe algum nas laterais da cabeça, um resto frágil e grisalho. Agora, quis a vida que ele soubesse como morreria, o que lhe dava uma sensação desconcertante, entremeadada com desesperança, mas, ao mesmo tempo, uma branda serenidade.

Bethelguelse lhe dissera: um tirano, depois uma grande rainha e novamente um tirano, pelo qual seria morto. Este era o primeiro: Broer, o Bárbaro. O rei dos clãs das Montanhas da Lua, que se declarara rei de Brenor e tomara o trono à força, à frente de um exército de cem mil homens, diante de uma nação enfraquecida pelas guerras travadas na sucessão do trono, após a morte de Berthodo, o Belo, em 732 EGRR.

Agora, Bethelguelse havia previsto o surgimento de uma grande rainha, a Segunda, a sucessora de Alionor. Castor sabia que ela nunca errava nas previsões, mas, considerando o longo tempo desde a morte do primeiro Grande Rei, ninguém mais acreditava no surgimento de um segundo. Alionor seria o primeiro e o único.

Obviamente, foi abordado ao se aproximar das tendas. Disse que tinha presentes para o rei e gostaria de uma audiência. E, para sua sorte, embora o rei não morresse de amores por Lumerae, foi recebido.

Inclinou-se diante do rei, saudando-o em nome da Ordem. Broer estava esparramado sobre uma confortável poltrona que mais parecia uma pilha de almofadas coloridas. Dezesete soldados estavam no interior da tenda, posicionados em diferentes locais. Um exagero considerando que Castor era já um senhor idoso, mas uma medida prudente considerando que era um mago. Mas o número o agradou. Revelava que Broer temia Lumerae e poderia usar isso, de alguma maneira, como uma vantagem.

-Fala, mago! – disse o rei, erguendo uma taça de vinho, dando sinais de ebriedade.

Essa seria outra vantagem, pensou o mago que, nesse instante, já havia mentalizado a posição de cada soldado e de outros presentes, o que seria útil caso uma fuga forçada fosse necessária. Os demais presentes eram dois reis colaboradores de Broer. Um ambicioso e sanguinário, Dardânius, o soberano de Olmea, e o outro, Múncio, o rei de Barratas, que era prudente e estava mais interessado na estabilidade do grande reino. O primeiro era idoso e teimoso, mas o segundo era jovem e poderia ser convencido.

Castor explicou ao rei que lhe trouxera presentes, os puro-sangue. Broer disfarçou o contentamento, mas Castor percebeu a sua satisfação.

-Muito bem, deixa-os aí e pode retornar aos teus afazeres místicos!

Castor fechou os olhos diante da ignorância do rei, mas agradeceu, reverenciando-o novamente. E deu a entender que ia sair, mas voltou-se e disse, envolto em seu humilde hábito:

-A propósito, majestade...

Dardânus, que estava sentado ao lado do rei, numa poltrona parecida, alarmou-se. Um pequeno gesto sutil, mas que não passaria despercebido por um mago: cerrou os dedos contra as almofadas. Já, Múncio, em pé, apurou os ouvidos, interessadíssimo no que o mago tinha a dizer:

-...longo é o reino do soberano que sabe ouvir as necessidades do seu povo e Lumerae sempre estará do lado daqueles que buscam o desenvolvimento espiritual.

Mas o rei não demonstrou ter entendido aquelas palavras, pois, com a caneca, se limitou a mostrar a saída da tenda, dizendo com voz mole:

-Belas palavras. Agora vai-te pois temos que tratar de coisas importantes!

Mas o rei de Olmea entendeu muito bem. Levantou-se e se aproximou de Castor, encarando-o:

-Isso quer dizer que Lumerae já não apóia mais este reino? Devemos considerá-la inimiga?

-Lumerae jamais será inimiga de qualquer humano sobre a face deste mundo – disse o mago, devolvendo o olhar. – Muito pelo contrário, nossos atos estão calcados na amizade!

A fala irritou Dardânus que, com voz rude, emendou:

-O rei te deu uma ordem. Sai!

Humildemente, Castor fechou os olhos e se inclinou, saindo calmamente. Já o rei de Olmea virou-se para Broer, que já estava quase a ponto de dormir, e indagou:

-Devo ir atrás dele e executá-lo, majestade?

O rei nada respondeu e Múncio, alarmado, rapidamente interviu:

-Estás louco? Queres uma guerra declarada contra Lumerae?

-Lumerae, Lumerae! – esbravejou Dardânus. – Não passam de um bando de pobres coitados maltrapilhos!

-Não conheces o poder da Ordem, Dardânus – objetou o rei de Barratas. - Não sabes, mas eu sei. Cresci nas imediações do Monte e posso te dizer. Se tivesses visto as coisas estranhas que presenciei, os temerias, isso eu te garanto.

O olmeariano mirou seu interlocutor, pensativo.

#####

Anahar penetrou no pátio trajando um vestido esverdeado, de rústico tecido. Mandara-o cortar, acima dos joelhos. Assim, não era uma veste apropriada à filha do Conde de Dalbathea, mas não queria ter os seus movimentos atrapalhados. Respirou fundo, ouvindo o piar matinal dos passarinhos, que se assentavam sobre as muradas de pedra. Trazia uma espada na bainha, que estava amarrada à cintura e o seu mestre já a esperava, com um sorriso nos lábios.

-Atrasada novamente. Isso não é bom! – exclamou ele.

-Como sabes que já não estive aqui mais cedo, Linus, e fui embora, pois não te encontrei, seu preguiçoso!

Embora fosse uma brincadeira, Anahar disse isso de maneira séria. Mas Linus, um senhor idoso, magro, careca e com cavanhaque branco, já a conhecia há muito, muito tempo.

Ela retirou a espada da bainha, mas ele uniu as suas mãos nas costas e passou a circundá-la. - Há quanto tempo te conheço, menina?

-Bem, tenho dezessete anos – respondeu ela, com um rosto enigmático.

-E és minha melhor aluna – disse o mestre de esgrima, com um sorriso nos lábios. Mas depois, advertiu-a: - Mas não deves ficar convencida, muito pelo contrário! Agora é que vem a parte difícil.

-Já é a terceira vez que me dizes isso, Linus – caçoou novamente a aluna.

-Ah, é? Então responde-me: Conheces a “Vitória do Tolo”, não é?

-Sim, é claro! – exclamou ela.

-Pois, então, como sair dela?

-Como assim? – indagou a moça, sem entender completamente o ponto colocado pelo mestre.

-Vou te mostrar – disse ele, também retirando a espada da bainha. – *Ur uchuá!*

Era o sinal para começarem o combate. Anahar ergueu a sua arma.

-*Fon mas!* – ordenou o mestre.

Anahar atacou, projetando sua lâmina. Mas a defesa de Linus foi, no mínimo, peculiar: Ele se deixou cair para trás, até ficar completamente deitado no chão. Anahar hesitou, pois, agora, percebeu o sentido da pergunta que ele lhe fizera anteriormente. Ele estava no chão, e agora? Como atingi-lo sem ser ferida mortalmente?

Mas ela não o atacou. Antes, colocou as mãos na cintura, mesmo segurando a espada, e disse:

-Estratégia de covardes! – exclamou.

-Covardes vencedores – objetou o mestre, ainda deitado. – E agora, Anahar, como farás para me atingir sem ser atingida?

Mas Anahar não sabia a resposta. Pensou em diversos movimentos, mas em todos eles acabaria morta. O mais imediato deles seria esticar o braço e tentar atingir o inimigo deitado no peito. Mas o mestre já lhe havia advertido sobre esse movimento. Antes que pudesse golpeá-lo mortalmente, a espada do inimigo já teria entrado profundamente nas suas entranhas. Pensou também em golpeá-lo nas pernas, que estavam mais próximas, mas, para isso, teria que se abaixar e, então, seria degolada.

-Está certo – disse ela, - tu venceste!

Ele se levantou rindo, parecendo se divertir às custas da aluna. Então, devolveu a sua espada à bainha e a pegou nos ombros, com ambas as mãos.

-Sabes do que necessitas, minha menina?

-Não. Do que?

-De uma nova espada! – disse ele, ainda sorrindo, misteriosamente.

Então, desapareceu por uma porta entreaberta, gritando de dentro de um recinto anexo:

-Uma mais comprida!

E voltou, trazendo uma longa arma colocada dentro de uma bainha, repleta de insígnias.

-O que é isso? – indagou Anahar, um pouco curiosa, mas não muito.

-Tua nova espada – disse o mestre, retirando-a da bainha, segurando esta com a mão esquerda.

-Não a achas grande demais?

-Sim. É uma espada longa. Tem um metro de comprimento. Também pudera, trata-se de uma espada gigante!

-Espada gigante? – indagou ela, ligeiramente surpreendida.

-Sim. Quero dizer: uma espada *tuê* – explicou o mestre. Depois olhou bem para a lâmina, que também tinha inscrições em língua da Mesovíngia Ocidental. Depois disse algo, compenetrado, como se refletisse sobre aquela lâmina: - Uma espada *nuai*, para ser mais exato...

-E o que vem a ser isso?

-Em *tuê*, *nuai* quer dizer “aquele que é justo”. Trata-se de uma espada mágica, menina. Ela foi confeccionada no final da Era das Salamandras, por encomenda do rei tuê Nestor. Ele queria presentear cada um dos cinco filhos com uma espada destas. Na época,

havia um magnífico ferreiro em Brunália Dominion que era capaz de confeccionar lâminas como jamais foram vistas. Dizem que ele era filho de um anjo. Ele, então, produziu as cinco espadas nuai, com uma receita secreta e jamais foram produzidas outras, sendo que o segredo da fórmula morreu com o ferreiro. E uma das espadas, Anahar, pertenceu a Alionor, pois Nestor entregou-a a ele quando o seu filho mais novo morreu. Mas esta aqui tem outra história... Duas espadas nuai se perderam no dia em que Piramar caiu, diante das forças de Alionor. Esta aqui... bem ela pertenceu ao príncipe tuê Shiath, um feroz guerreiro que pereceu diante do portão da capital das salamandras.

Anahar ficou a mirar longamente a espada gigante. Linus havia lhe contado a história, sim, mas havia omitido certas partes. Partes que era melhor não serem contadas. Não sabia exatamente o segredo da forja daquelas espadas, mas sabia um pouco mais que contara. Sabia que Berah, o ferreiro, as havia temperado com o sangue e sua própria esposa e filhos.

-Tu a roubaste! – declarou a herdeira de Dalbathea.

-Senhora! – protestou o mestre.

-É claro que a roubaste! – reafirmou ela, mas sem sombra alguma de indignação. Muito pelo contrário, o seu tom beirava o da admiração, mas só ligeiramente.

-Então pega! – disse ele, lhe atirando a espada. – E cuidado que é afiada!

Ela não teve tempo de raciocinar. Largou a que segurava anteriormente e, no reflexo, apanhou a arma nuai, conseguindo segurar no cabo. Mas o mestre espadachim não lhe deu descanso. Mal ela havia segurado a espada gigante, ele apanhou outra e gritou:

-Ur uchuá!

Mas Anahar se sentiu estranha com aquela arma. Estava convicta de que a deixaria cair, pois parecia muito pesada. Contudo, ao invés disso, a sentiu leve, leve e ágil, e a brandiu como se fosse sua, desde há muitos anos. Assim, assim que a apanhou, girou-a no ar, e atingiu, com a sua lâmina, a da pobre espada de Linus. Este sentiu a força da arma mágica e seu braço tremeu. Mesmo assim, sendo mestre, resistiu ao golpe, usando o máximo que sabia ao segurar sua arma, segurando no cabo de forma a absorver o impacto. Mas, na segunda estocada da moça, não pôde evitar ter a sua espada arrancada da mão.

Anahar ficou espantada de sua própria habilidade e olhou para o mestre espantada. Este, longe de sorrir e cumprimentá-la pelo belo golpe, se ajoelhou e, emocionado, disse:

-Diante de vós me ajoelho, majestade!

Ela ficou ainda mais espantada.

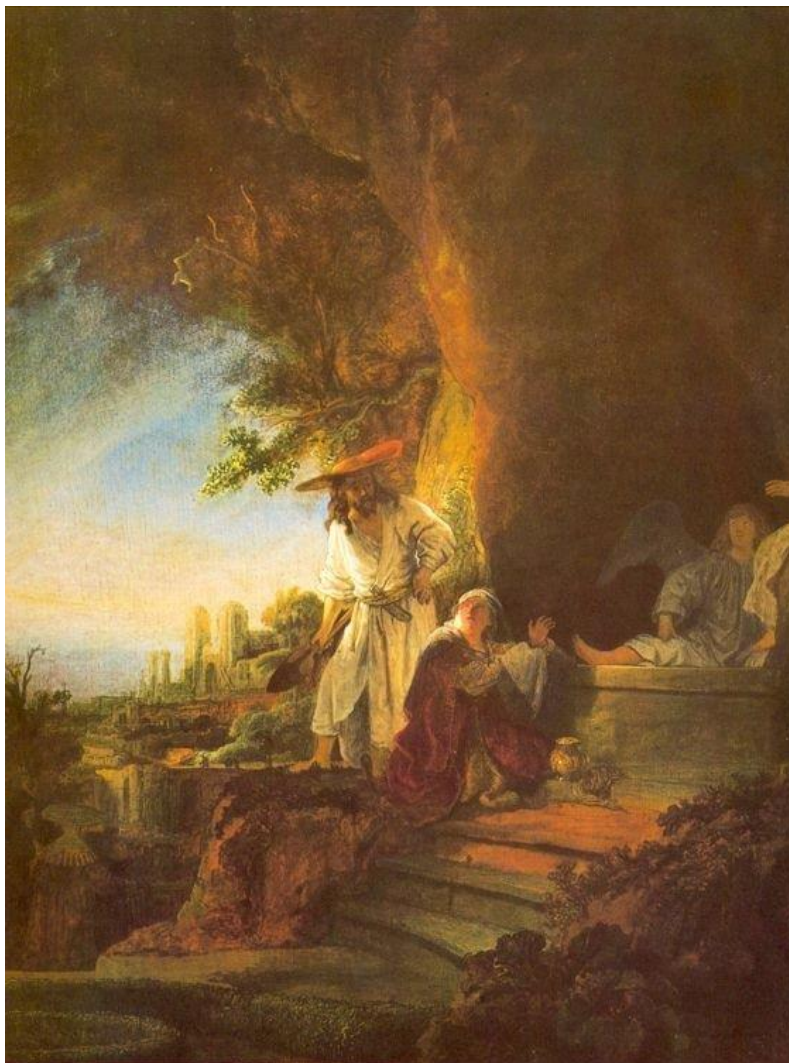
-Majestade? Ficaste louco?

Mas Linus não estava louco. Ele sabia que somente uma grande soberana poderia manipular aquela espada daquele jeito. Uma grande soberana prometida, destinada a ser a rainha de toda Brenor, uma Grande Rainha.

#####

Após terem dormido ao relento, numa caverna nas proximidades de Ismar, Bethelguelse e Rigel já caminhavam há duas horas, acompanhando a margem direita do Nenboreoin. O objetivo era chegar até uma aldeia de pescadores e encontrar algum barqueiro que os levassem até o extremo norte do rio.

Devido ao reumatismo da maga, eles não seguiam muito rápido, sendo que a grande catedral de Ismar ainda podia ser vista um pouco antes do horizonte. No caminho, encontraram, numa gruta ao lado de uma grande árvore, uma espécie de altar de pedra, onde havia uma fonte natural, que os habitantes do lugar consideravam sagrada, pois a água que ali brotava, conta-se, tinha propriedades curativas.



Rigel, usando o Capelo de Atoz, com Bethelguelse, no ano anterior à coroação de Anahar. Por Rembrandt.

Bethelguelse quis parar ali, pois nada ainda haviam comido naquele dia, e, ao ver uma pá descansando ao lado da gruta, sugeriu ao colega:

-Rigel, pega aquela porcaria de pá e vá catar algumas raízes para fazermos uma sopa com essa água maravilhosa!

-Agora? – indagou ele surpreso. – Mas não temos urgência em apanhar o barco?

-Temos – disse ela, - mas o maldito do meu estômago está colado nas costas!

Então o mago deu de ombros, catou a pá e saiu à procura de raízes comestíveis. Mas acontece que, ao lado da fonte, havia um anjo, configurado no plano astral, o qual Rigel não podia ver, mas Bethelguelse o enxergava muito bem. O anjo estava ali, sentado, um tanto displicentemente. Mas ela sabia porque estava ali. Sabia que ele estava os seguindo rio abaixo.

O anjo parecia cansado e arfante, resfolegando enquanto olhava para a maga. Bethelguelse estreitou os olhos e indagou:

-O que Aaor quer de nós?

-Que cumprais vossa missão – disse ele, com certa dificuldade. - Porém... não estou aqui para dizer-vos qual a vossa tarefa, mas para advertir-vos a contratar um barqueiro honesto – e depois completou, expressando dor, - pois o mal ronda por essas águas!

Bethelguelse nada disse, limitou-se a manifestar sua anuência com um sutil gesto com a cabeça. Então, observou o anjo se levantar, com dificuldade e, com as mãos colocadas em forma de concha, beber um gole de água.

-Mas vou acompanhar-vos até Dalbathea – completou ele.

A maga observou que havia uma espécie de ferimento no seu ombro esquerdo, que estava manchado com uma cor azulada e, dali, brotava um líquido transparente. Ela sabia o que era o líquido: o Sexto Ensino lhe permitia ter certeza que aquilo era o sangue do anjo que escorria.

-O que aconteceu convosco? – indagou ela, tomando o cuidado de não tratá-lo na pessoa no singular, o que seria uma ofensa.

-É extremamente complicado vos explicar agora... – então, olhou para o céu e acrescentou: - Os acontecimentos que estais inseridos aqui, neste mundo, fazem parte de uma malha muito mais complexa que se estende por todo este lado da galáxia... – Em seguida, tornou a olhar para a maga: - Mas esta água me revigorará!

Assim, sorriu, bateu as asas e desapareceu, voando rapidamente através do ar.

Dali a pouco Rigel chegou, carregando cenouras e mandiocas. Imediatamente, Bethelguelse disse:

-Precisamos escolher um barqueiro honesto!

Rigel olhou bem para ela, pensando, e depois respondeu:



-Ah, é? E como vamos saber?

-Consulta os teus “informantes”?

-Meus informantes? Ah, sim!

Então, ele se dirigiu até a parede esquerda da gruta, onde havia abandonado a sua vara. Apanhou-o e caminhou alguns passos longe dali. Em seguida, fechou os olhos e apertou firmemente o instrumento. Como consequência, pequenas criaturas que não se faziam vistas apareceram, embora Bethelguelse não pudesse enxergá-las. Pequenas fadas e silfos, que voavam em zigue-zague em torno do mago.

Rigel abriu novamente os olhos e, se dirigindo aos pequenos elfos, indagou:

-Caros pequeninos companheiros, por acaso há algum barqueiro honesto por essas águas que podemos contratar?

Os diminutos espíritos élficos voavam em torno de algumas árvores que havia por aí, mas, quando Rigel lhes falou, dois deles – uma fada e um silfo – pararam de ziguezaguear e prestaram atenção no que ele estava dizendo. Talvez fossem espíritos irmãos, pois um montou na cabeça do outro e ficaram a olhar o mago admiradamente. Tanto, que ele teve que repetir a pergunta.

Assim que o fez, as duas criaturinhas passaram a tagarelar, falando o mais rápido que o pensamento e gesticulando – como diria Bethelguelse – como dois condenados. Pareciam discutir entre si, pois um dizia uma coisa e o outro outra, ao mesmo tempo. Eles não falavam o elfo athlândico, como a maioria dos elementais do ar encarnados na Era dos Grandes Reis e Rainhas, mas o antigo elfo *aerkalinear*. Assim, foi difícil para Rigel compreendê-los. Mas ele estava um tanto acostumado e acabou notando o que queriam dizer. A fadinha juntava as mãozinhas, com os dedos entrelaçados, e defendia que o barqueiro mais honesto era o tal que morava na beira da próxima curva do rio. Já o silfo, com as mãos na cintura, teimava que o mais honesto seria o que se chamava Tónico, e que ia vender peixe todas as manhãs na praça da Vila Sobranceira, que ficava a sete quilômetros ao norte de Ismar. E assim discutiram. Um defendendo um ponto de vista e outro o outro, numa discussão cada vez mais acalorada. Rigel tentou apaziguá-los, mas sem sucesso. Um teimava que deveriam se dirigir ao barqueiro da beira do rio e o outro, o vendedor de peixes. E assim, foram falando sobre as vantagens de um e outro e Rigel acabou percebendo uma coisa:

-Queridos amiguinhos, será que não estais vos referindo à mesma pessoa? Por acaso, Tónico, o vendedor de peixes, não mora na próxima curva do rio?

As duas criaturinhas, que já estavam tentando estrangular uma a outra, de repente pararam de falar. Colocaram as mãos no queixo e passaram a pensar. Depois concordaram, balançando a cabeça e, finalmente, se abraçaram, emocionados, felizes por terem finalmente se reconciliado. Mas Rigel era educado. Então, elevou o Capelo de Atoz por sobre a cabeça e declarou:

-Em nome de Lumerae, agradeço a enorme contribuição que nos proporcionastes!

Os elfos eueus sorriram, felizes da vida por terem ajudado. Depois, voaram rapidamente para longe, rindo, pois achavam quase tudo engraçado.

Rigel olhou para o norte e avistou a curva do rio. Ajustou o Capelo na cabeça e pensou no que os esperaria.

#####

Anahar observava o rio despencar nas profundezas, se projetando por entre as pedras, ruidosamente. Uma fumaça esbranquiçada se elevava, em diversos lugares, aqui e ali. O som produzido não era contínuo, mas bailava dentre as notas, como uma sinfonia lenta, mas insistente.

Ela caminhara desde o palácio até ali – quatro quilômetros – portando um vestido discreto e um véu sobre a cabeça, embora o calor estivesse devastador naquele dia. Estava nas formações rochosas conhecidas popularmente como Al-Khorua, a Garganta do Inferno, onde o rio Nenboreoin desaparecia nas profundezas, se precipitando – em inúmeras cachoeiras – pelas infundáveis galerias subterrâneas constituídas por formações rochosas duríssimas, mas que haviam sido perfuradas ao longo do tempo. Era lá, nas galerias de Bacradh, que refugiados, dissidentes do governo brenoriano, se escondiam.

Inúmeras cavernas espalhadas dentre as rochas levavam ao complexo subterrâneo, mas poucos eram aqueles que conheciam os Caminhos do Justo, os quais deveriam ser percorridos caso o explorador não quisesse ficar perdido ali para sempre.

Mas Anahar nem ao menos chegou às proximidades da entrada correta, pois um ancião se aproximou ao seu encontro, esbaforido, caminhando o mais rápido que podia. E, antes mesmo de estar a um passo dela, gesticulando nervosamente, lamentou-se:

-Senhora! Senhora! Uma tragédia!

Mas Anahar conhecia-o muito bem, pois servia a família desde antes do seu nascimento. Sabia o quanto era desesperado.

-Acalma-te, Idomeu. O que aconteceu? – indagou ela, calmamente, aproximando-se dele.

-Senhora, refugiados, centenas deles! – exclamou ele, ainda gesticulando. – Estão acampados em Vila Malafasta e querem ir à capital!

-Isso não pode acontecer! – declarou Anahar, racional e energicamente.

-Mas, senhora, há mulheres e crianças passando fome e doentes!

-Eles acreditam que os refugiados estão escondidos em Dardania, o que é bom e ruim ao mesmo tempo – pensou a moça, em voz alta. – Eles devem ser levados a noroeste, Idomeu. Caminharão até a muralha!

-Até a muralha? – indagou o homem idoso. – Mas muitos perecerão!

-Preferes que nos descubram?

O homem pareceu hesitar.

-Não, senhora, mas... – ele não completou a frase. Anahar dirigiu-lhe um olhar duro, estreitando os olhos, como a examiná-lo.

-Fala, Idomeu. Sem receios!

-Senhora... não seria uma crueldade? – disse ele, timidamente, quase amedrontado, temendo a reação da senhora. – Isto é... teríamos que ser muito frios para condená-los a essa jornada, sabendo que...

-Assumo as responsabilidades! – disse Anahar, firmemente, entoando uma voz dura. Depois olhou para a entrada da caverna e mudou de assunto:

-Vem, preciso reunir os cavaleiros!

Um tanto contrariado, o ancião a seguiu. E, ainda caminhando em seu encaço, disse:

-Senhora, não é o único problema...

Ela estancou e se virou. Com cara de poucos amigos, indagou:

-E o que mais?

Um tanto gaguejante, Idomeu respondeu:

-A prata, senhora... Está no fim!

Anahar desviou o olhar e passou a mirar o horizonte. Era uma forma de pensar. Depois de poucos segundos, virou-se, passou a andar rapidamente, e disse:

-Vem!

Penetraram na caverna e, logo após caminharem não mais que alguns minutos por corredores naturais, penetraram num ambiente que se descortinara repentinamente, uma enorme cavidade, do tamanho de um estádio, mas repleta de formações rochosas, por entre as quais a água se precipitava às profundezas por inúmeros caminhos diferentes, sob um forte e monótono som peculiar. Havia muitas pessoas ali, ocupadas em diversos afazeres. Alguns cuidavam da preparação de comidas em tachos, outros carregavam madeira e outros, ainda, pedras. Eram gnomos e humanos. Pareciam pessoas simples e compenetradas no que faziam. Mas havia também aqueles que treinavam a arte da espada, produzindo sons de choque de metais que se confundiam com o bater de ferreiros ao longe.

Anahar caminhava tão rápido por dentre essas pessoas que Idomeu mal podia acompanhá-la. Ela passou do lado de um cavaleiro que observava o treinamento e, sem se deter, disse:

-Zora, prepara os teus cavaleiros!

Ele, um homem de meia idade magro, mas forte, sem compreender a intenção da ordem, passou a caminhar atrás dela:

-Compreendi bem, senhora? Aonde vamos?

-Vais levar quantos cavaleiros puderes para encontrar os refugiados em Vila Malafasta e escoltá-los até o portão da muralha!

O cavaleiro fez cara de espanto. Havia muitos pontos questionáveis naquela fala. Começou pelo seguinte:

-Mas nunca saímos assim... tão explicitamente!

-Mas agora não vai ter jeito. Temos pouco tempo – respondeu ela.

-E, senhora, são mais de trezentos quilômetros de caminhada e...

-Sei disso, Zora.

E, de repente, ela parou. Olhou ao seu redor e, com as mãos na cintura, indagou:

-Onde está aquele gnomo desmiolado?

Logo, ao ouvir aquilo, diversas vozes, tanto humanas quanto gnômicas, passaram a gritar:

-Gdalamax!

-Ei, Gdalamax!

-Gdalamax, a senhora quer ver-te!

Não demorou muito para que um jovem gnomo, com a barba ainda rala, se apresentasse diante da moça, acompanhado de outro ainda mais jovem, aparentemente o seu assistente.

-Que história é essa de que estamos sem prata?

Gdalamax, respeitosamente e um tanto receoso, tirou o gorro e respondeu:

-Os veios secaram, senhora!

-Como secaram? Não dissestes que havia ainda muita prata por aqui?

Então ele, com a cara mais deslavada do mundo, assentou um sorriso amarelo na face e disse:

-Acho que estávamos enganados...

Anahar não ficou irada. Antes, sentou-se numa pedra, parecendo contrariada, e passou a olhar para o nada, pensando no que faria. Teria que comprar suprimentos para

aquela gente que chegara a Dalbathea e não tinham mais recursos para isso. Pensou nas jóias da finada mãe. Mas... e depois?

Mas Zora voltou a admoestar:

-Senhora, o rei está a caminho de Dalbathea. Se mandarmos os cavaleiros assim, a céu aberto, certamente seremos descobertos... E, depois, como poderíamos manter uma operação tão grande quanto essa em segredo?

Então, de repente, Anahar sentiu que todos olhavam para ela, esperando uma decisão e, pela primeira vez, teve uma sensação estranha. Algo que beirava a “o que estou fazendo aqui?”. De repente, olhou a sua volta e estranhou tudo. Como aquilo poderia tomar a proporção que tomou? Tudo começou há mais ou menos dois anos, quando ajudou um casal com crianças que bateu à sua porta. Abrigou-os, mesmo sabendo que estavam jurados de morte pelo rei. A mulher fora serviçal em Marmórea e derrubara algo sobre Broer. Ele, irado, disse que iria dar cabo dela e de toda a sua prole. Ela tivera sorte: conseguira fugir. Depois vieram outros e outros. Depois, quando ficava sabendo de novos dissidentes, aparentemente inocentes, mandava buscá-los. Começara a organizar um abrigo ali, sem que o seu pai soubesse, onde somente os nativos mais antigos do lugar conheciam como chegar e, naturalmente, muito naturalmente, as pessoas... elas – como era isso? – as pessoas a obedeciam. Havia algo nela, algo que aprisionava as pessoas ao seu redor.

Logo, percebeu que as pessoas lhe faziam perguntas. Não apenas Zora e Idomeu, mas vários outros lhe dirigiam questões esperando uma decisão. Mas, envolta em seus pensamentos, não prestara atenção. Mas os questionadores foram silenciados, não por ela, mas pelo roçar da garganta de Gdalamax.

-Ham-ham – roçou ele.

Todos se silenciaram e olharam para o gnomo. Ele, com uma expressão de quem sabia tudo, disse:

-Bem... não temos prata, mas temos ouro. Muito ouro!

Então, apontou para uma carroça parada logo ali. O outro gnomo retirou uma lona que a cobria, revelando uma carga de trezentos quilos de ouro, já forjado em barras.

-E isso não é nem um décimo do que podemos retirar dos veios.

Zora exibiu uma expressão de quem não gostou do que viu. Mas foi Idomeu quem falou:

-Ouro? Mas isso é inútil!

E Zora lhe fez coro:

-Não podemos usar ouro e sabes muito bem disso!

-Mas podemos negociar com contrabandistas tuês! – foi a resposta esperta de Gdalamax.

Idomeu meneou a cabeça, enquanto Zora pensava. Mas foi Anahar quem se levantou, decidida, e, do alto de sua majestade, disse:

-Está decidido! – disse ela, com voz firme. – Compraremos suprimentos de contrabandistas tuês. Zora, prepara teus cavaleiros e parte ainda hoje para Vila Malafasta. Idomeu, traze a minha máquina para cá. E quanto a ti, Gdalamax, pega o maior número de carroças que puderes e toma o caminho mais curto para o portão norte. Sabes onde encontrar os contrabandistas. Adquire suprimentos e parte ao encontro dos refugiados.

-Senhora, sabes que estás armando uma revolução, não sabes? – indagou Zora.

Anahar olhou bem para o cavaleiro:

-Sabes manejar uma espada, não sabes?

Zora limitou-se a mirá-la, estaticamente.

Então, ela elevou a voz e, se dirigindo às centenas de pessoas que ali estavam, declarou:

-Também sei manejar uma espada. A partir de agora, ninguém é obrigado a seguir-me. Estais livres para partir quando quiserdes, todos vós.

Depois, virou-se novamente para Zora e indagou:

-Então, senhor Zora, estarias interessado em brandir a tua espada ao meu lado?

O cavaleiro, nesse momento, pensou em todas as pessoas que, como ele o fizera um dia, fugiam do rei. Pensou nas atrocidades que ele já cometera, e respondeu:

-Seguirei-vos até o inferno se necessário, senhora!

#####

Mais tarde, a máquina foi trazida a Anahar. Ela a abriu, como se abre um pequeno baú, e depositou em seu interior uma barra de ouro, fechando-a novamente.

-Que efígie usarás? – indagou Gdalamax, que era um príncipe de Pankar.

Então, ela apanhou um pequeno disco de ferro e introduziu-o num orifício lateral da máquina, respondendo:

-A de Broer, é claro!

O rosto do gnomo se iluminou:

-Ei! Boa idéia! Vai ser um tapa na cara dele!

Então, enquanto aguardavam o ouro derreter, Iblo, o assistente de Gdalamax, o puxou pela manga. Quando este se virou, cochichou no seu ouvido:

-Ei, Gdala, fico sempre me perguntando: Por que é que a seguimos mesmo?

-Anahar? – perguntou o gnomo, baixinho. – Bem... ela é muito persuasiva!

Mas, logo, aquela pequena caixa metálica, do tamanho de uma moderna máquina de costura, gerou o seu produto. O som de um sino revelou que estava pronto. Os gnomos e as pessoas que já a viram funcionando diziam que era uma caixa mágica. Fora presente de um anjo – um anjo que usava óculos, segundo os servos mais antigos do palácio – quando Anahar acabara de nascer. Os pais nunca adivinharam o que a máquina fazia, mas Anahar, curiosa, o descobrira quando tinha ainda doze anos de idade.

Então, a senhora de Irimodasta girou uma pequena manivela e, imediatamente, um sem número de moedas de ouro com a efigie de Broer, passaram a cair no chão.

-Vede – disse Gdalamax, apanhando as moedas do chão e erguendo-as, - estamos ricos!

Nisso, foram interrompidos. Uma mulher anunciou a chegada de dois mendigos, que solicitavam abrigo e comida. Anahar ficou alarmada.

-E como encontraram a entrada? – indagou, desconfiada.

Assim, dirigiu-se até onde a mulher indicou que eles estavam. Anahar olhou intrigada para aquelas duas figuras. Estavam esfarrapados e sujos, uma senhora e um homem aparentemente comuns, mas havia alguma coisa diferente neles: uma altivez e uma segurança no olhar. E, não soube porque, o seu coração passou a bater forte no peito, como se uma nova página do destino houvesse se desdobrado.

-Permitai nos inclinarmos perante vós, majestade – disse Rigel, inclinando-se, fazendo uma reverência com o Capelo de Atoz, girando-o mirabolantemente, com uma voz galante e um sorriso nos lábios.

Se fosse uma mulher normal, ela teria ficado lisonjeada e seu coração seria ao menos em parte cativado pelo charme do mago, embora estivesse em trajes pouco apresentáveis. Mas aquela era Anahar e ela não se deixava influenciar por meros sentimentos. Assim, a palavra “majestade” não lhe envaideceu, mas, antes, lhe soou como uma espécie de bajulação.

-Se estais necessitados – disse ela, - podereis encontrar aqui comida e roupas limpas. Mas, para isso tereis que trabalhar!

Rigel lhe sorriu de orelha a orelha, admirando-a, mas foi Bethelguelse quem se adiantou:

-Trabalharemos, sim, para vós – disse ela, também se inclinando e fechando os olhos,  
- Grande Rainha de Brenor.

Anahar ficou a observá-los, desconfiada e um tanto irritada.

-Quem sois vós? – indagou ela, sem emoção na voz. – Sois dementes ou bajuladores?

-Somos anunciadores de uma nova era – explicou Bethelguelse, com voz segura e olhando fixamente a moça, - e viemos à procura da Grande Rainha de Ouros, a sucessora de Alionor!

-Vou perguntar só mais uma vez – disse Anahar, agora em tom ameaçador: - Quem sois vós? E se não responderdes diretamente, sereis expulsos daqui!

-Somos dois magos de Lumerae. Meu nome é Bethelguelse, a profeta. E este é Rigel, o...

Ela ia dizer “professor”, mas Rigel se adiantou e, rapidamente, fazendo novamente uma mesura, balançando de novo mirabolantemente o capelo, emendou:

-O cortês!

Mas Anahar não pareceu se impressionar com a declaração:

-Ah, magos de Lumerae – disse ela, com desdém, cruzando os braços. – E podeis provar?

-É claro! – exclamou a maga, retirando a sua pequena varinha de dentro das roupas.

-Cuidado com isso, Bethe – suplicou Rigel, conhecendo os instintos impulsivos da companheira, - estamos numa caverna!

-Isso parece um pequeno pedaço de pau, não é? – indagou Bethelguelse.

Rigel notou que ela estava um pouco irritada com o ceticismo de Anahar e parecia querer lhe dar uma lição. Então, estendeu o braço e disse:

-Pois então, vejais!

Ao ouvir aquilo, Rigel já comprimiu o capelo contra a cabeça, cobrindo as orelhas e fechando firmemente os olhos, esperando pelo pior. Mas a maga, implacavelmente, gritou:

-Fractio!

Um raio luminoso irregular saiu da varinha, intenso e ameaçador, e, ao atingir uma parede de rochas próxima, fraturou grande quantidade de rochas, numa intensa e barulhenta explosão. Todos recuaram com medo, exceto Anahar, que permaneceu onde estava, embora fosse coberta de poeira.

Bethelguelse, então, girou a varinha entre os dedos, como um pistoleiro faz com o seu revólver após atirar e ficar todo convencido. Aliás, um halo fino de fumaça branca saía do objeto mágico, rodopiando no ar.

-E então – disse a maga, - não achais que podemos vos ser úteis?

#####



Nos próximos dias, Bethelguelse convenceu Anahar que ela deveria ser instruída sobre os Doze Ensinamentos. Ela, em princípio, se recusou, dizendo que tinha mais o que fazer, mas a maga tratou de convencê-la:

-Sabeis como os magos reconhecem a presença de um Grande Rei ou Rainha?

-Já disse que não sou nada disso – afirmou a moça, peremptoriamente e de mau humor.

Elas estavam na superfície, nas imediações da entrada das cavernas. O céu estava limpo, com raras nuvens, e uma brisa suave soprava vinda não se sabe de onde. Rigel estava ali, conversando com os gnomos, e vários humanos iam e vinham carregando mantimentos de carroças para o interior das cavernas, sob a supervisão de Anahar.

-Existe uma única porcaria de característica, uma unzinha só: Um grande rei ou rainha é aquele que tem um desejo genuíno de ajudar a outrem, sem esperar nada em troca!

Depois a maga olhou bem para a moça e indagou, diretamente nos olhos:

-Por acaso não tendes essa droga de característica?

-Faço o que faço porque... – disse a futura rainha, não plenamente segura. Mas encerrou a frase, pois ela não sabia exatamente porque ajudava os necessitados.

-Ah! Eu não disse? – caçoou a maga, apontando para a moça e dando risada.

-Está bem! – gritou Anahar, impaciente. – O que desejais de mim?

Bethelguelse olhou para as unhas da mão direita e notou que havia sujeira debaixo delas, pois estavam pretas nas extremidades. Então, soprou um bafo sobre elas e as esfregou na roupa imunda, à altura do peito. Depois, completou:

-Que assumais o trono, depondo Broer!

Anahar estreitou os olhos e disse:

-Fácil falar. Impossível fazer!

-Impossível nada! O sujeito é detestável. Quem sabe, uma hora dessas, já não se afogou no próprio vômito?

-Gostaria muito que Broer fosse deposto – disse a Senhora das Moedas. – Mas tem alguma idéia de como isso poderia ser feito? Ele tem exércitos, e nós...

Bethelguelse sorriu. Finalmente ela estava cedendo.

-É claro que *temos* - (incluindo Rigel na história). – Mas primeiro... visitareis o mundo dos mortos!

Anahar estreitou os olhos novamente, mirando a maga, tentando captar o que ela queria dizer. Mas a conversa foi interrompida por uma notícia terrível. Coube a Idomeu contar

à futura rainha. Ele gaguejou, quase não conseguiu falar, embargado com lágrimas nos olhos. Mas acabou transmitindo a mensagem desajeitadamente, sem muita coerência lógica. O conde havia sido morto pelo próprio rei. Broer assassinara o pai de Anahar.

Bethelguelse prestou muita atenção na reação da moça. Não viu nenhuma lágrima brotar, não viu nenhuma expressão no rosto, exceto um olhar distante, como se ela não estivesse ali. Depois de alguns segundos assim, ela se virou, repentinamente, e se dirigiu ao campo aberto. Aparentemente queria ficar sozinha. Todos perceberam isso e ninguém a acompanhou. Ela ficou no alto de um pequeno morro, que se destacava apenas dois metros acima da planície, olhando para o horizonte. Ficou ali uns três minutos, depois voltou, decidida, e disse a Bethelguelse, com um misto de firmeza e raiva:

-Muito bem, o que preciso fazer para tomar a coroa de Broer o mais rápido que puder?

#####

Assim, durante meses, enquanto o rei fazia novas atrocidades, guiado por uma ambição e loucura desmedidas, Anahar recebeu o conhecimento sobre os três primeiros Ensinamentos. Paralelamente, treinaram exércitos nas profundezas daquelas cavernas, secretamente, congregando dissidentes e dalbatheanos fiéis ao antigo conde, embora o rei tenha nomeado um novo. Rigel simulou com detalhes impressionantes um falso suicídio de Anahar, para que Broer a julgasse morta e desviasse a sua atenção de Dalbathea. Mas o rei tinha outras sérias preocupações. Múncio, o rei de Barratas, se opusera ao assassinato do conde de Dalbathea e, agora, rompera relações com o soberano de Brenor. Como consequência, Broer invadiu Barratas, tomando-a quase sem resistência. Mas Múncio fugiu para Ismar, conseguindo o apoio do rei de Aldária, Estédite. Esses dois reis conseguiram congregar homens do norte, dos três condados (Bhordarium, Colconetha e Dalbathea), bem como de Armon. Assim, formou-se uma confederação no norte, que desafiou o senhor de Marmórea. Brenor, desta forma, se dividiu em dois, e uma guerra se iniciou.

Mas Anahar aprendeu os primeiros Ensinamentos, ao mesmo tempo que se aperfeiçoava na arte de esgrima, com o seu instrutor, usando a espada *nuai* que lhe fora dada. Assim, em 13 de dezembro de 748 EGRR, Anahar desceu ao mundo dos mortos e, em 28 de fevereiro de 749, foi crucificada.

#####

Mas o episódio histórico que marcou o aparecimento da Grande Rainha aconteceu no mês de junho, pois Broer, o Bárbaro, soube que uma menina de Lumerae contava histórias em que um dos personagens principais era um gnomo que se chamava Broer, e que era ranzinza, turrão e mal humorado. Temendo ser ridicularizado pelo povo, o rei de Brenor fez o que todo tirano ambicioso e corrupto faria: condenou Belatrix à morte.

Assim, no dia 18 de junho de 749, Broer, à frente de um grande exército, cercou o Monte Lumerae.

Mas Bethelguelse soube o que o rei faria. Assim, quando o exército brenoriano lá chegou, encontrou outra força que o esperava. Não era um grande exército. O contingente da força de Anahar não passava de um décimo do exército de Broer. Contudo, o que fez esse rei tremer foi aquela figura que se destacava altivamente à frente das forças de defesa de Lumerae, segurando o estandarte branco e azul.

Bem, as moedas de ouro continuaram a ser cunhadas, utilizando a caixa mágica. Broer se sentiu desafiado com aquilo, não porque o ato fosse, em si, contra a lei, mas porque ele não tinha o controle sobre sua produção. Porém, usou a antiga lei de Alionor, que proibia todo e qualquer uso do ouro em Brenor, para estabelecer num édito, que qualquer pessoa que manipulasse tais moedas estava condenada ao enforcamento. Contudo, o que o rei não contava era que a ambição e apelo da cor do ouro prevalecesse, e tais moedas fossem usadas rotineiramente no norte. Além do mais, embora a cunhagem ilimitada de tais moedas provocara inflação além do Mégion, a sua utilização acabou impulsionando a economia nortista, principalmente devido à intensificação do comércio com os gigantes através do portão norte, pois os tuês adoravam o ouro. E a impulso da economia no norte contrastou frontalmente com a estagnação da do sul, um contexto que não podia ser suportado pelo rei.

Mas o que Broer viu ao contemplar Anahar, naquela tarde fria, logo após o meio dia, foi muito além das moedas em termos de afronta. Pois a Senhora das Moedas mandara confeccionar-lhe uma armadura e fez com que os gnomos a revestissem de uma generosa camada de ouro. E, no terreno aberto onde os exércitos se encontraram, no espaço que se formou entre as linhas das duas forças que se detiveram, esperando o que iria acontecer, a figura que, de longe, se destacava das demais, era a de Anahar, a qual brilhava como se fosse um segundo sol, tendo o Monte Lumerae ao fundo, quase a ofuscar os oponentes.

Alguns que estavam do lado do exército de Marmórea, próximos ao rei, e que viveram para contar, reportaram que a fisionomia do rei se transformou, como a de um homem que está diante da morte e, dizem, ele tremeu. Mas logo a sua soberba sobrepujou novamente e, então, ele desceu do cavalo e, também usando uma armadura prateada, seguiu em frente, em direção ao exército inimigo, como uma demonstração de força diante de seus subalternos.

Anahar, que estava entre Bethelguelse e Rigel, não se fez de rogada. Também desceu do cavalo branco, e caminhou em direção ao rei. O mago fez menção de impedi-la, mas Bethelguelse, confiante, o deteve. Embora estivessem em enorme desvantagem numérica, ela sabia que os reis de Aldária e Barratas chegariam em breve, com forças adicionais.

Broer se deteve, trinta metros à frente de suas tropas. Imediatamente, Anahar também se deteve, a uns cem metros dele. Nenhum dos dois usava elmo, seus rostos estavam expostos. O de Broer, irado; o dela, sereno. E foi quando ela falou. Sua voz se estendeu pelo ambiente aberto, dando voltas em torno do monte, reverberando como se mil vozes falassem ao mesmo tempo, fazendo os pedregulhos do chão tremerem.

-Brenorianos! Ofereço-vos a alternativa de seguir melhor monarca!

Mas Broer não queria ficar para trás e também vociferou:

-Infringiste a Lei de Alionor. Serás presa e enforcada!

Mas Bethelguelse não tinha travas na língua e jamais poderia ficar quieta diante de tal situação. Ela não esperou para dizer:

-Brenorianos, ajoelhai-vos diante da Grande Rainha de Ouros!

Certamente, ela quis xingar a todos, mas esse impulso ela pôde controlar. E, pelos trajes, aquela poderia ser considerada uma senhora qualquer. Parecia mais uma *donna* das vilas em torno do monte. Mas todos sabiam quem ela era. Não bastasse ela ser uma maga, ainda sabiam ter o dom da profecia. Não bastasse tal dom, todos sabiam que haveria quatro grandes reis ou rainhas: o de espadas, que foi Alionor; o de copas, o de paus e o de ouros. E aquela - bastava olhar para ela – parecia uma rainha de ouros, com o olhar penetrante e os cabelos cuja cor se confundia com a da armadura. Assim, a dúvida pairou no coração de todos os brenorianos.

Mas Broer não poderia suportar aquilo. Então, sacou a sua enorme e pesada espada. E Anahar, sem deixar ser intimidada, retirou a sua. Mas aquela era uma espada *nuai*.

Broer berrou:

-Defenda-te!

E partiu corajosamente em direção àquela que, a essa altura, já era rainha.

Tudo aconteceu extremamente rápido.

Broer segurou a espada com ambas as mãos, rangendo os dentes. Intencionava fender a oponente ao meio. Mas o golpe de Anahar foi rápido. Tão rápido e cirúrgico que poucos conseguiram ver direito o que aconteceu. O fato foi que, um segundo após terem se encontrado, a cabeça de Broer rolou no chão, e o corpo a seguiu, desabando sem vida sobre o mato rasteiro.

Fez-se silêncio enquanto a rainha encarava os brenorianos. Aquilo atingiu o máximo da tensão, mas, aos poucos, um a um, todos os soldados de Marmórea, de Olmea, de Beliária, de Goliah e de Bresul foram se ajoelhando, saldando a nova grande rainha.

#####

Cinco dias mais tarde, na manhã subsequente à coroação, Anahar estava sentada no trono de Marmórea. Havia muito a se fazer no início de seu governo, mas ela seria auxiliada por todos os magos de Lumerae. Ela não permitiu festividades, pois também havia muito a se lamentar. Mas uma coisa era certa: aquele trono parecia ter sido feito para ela, pois ela se postava ali com naturalidade, exalando autoridade por todos os poros.

Havia uma longa série de audiências a cumprir naquela manhã, mas o primeiro que se apresentou diante dela foi um rei. Múncio se aproximou, atravessando o salão e se ajoelhou dois metros antes da plataforma do trono.

-Levanta-te, majestade – disse Anahar, com uma voz serena.

Ele assim o fez, com um sorriso nos lábios. Nada disse, em princípio, ficando a observar a rainha, admirando-a.

-Estou esperando, majestade – disse a rainha.

-Senhora, eu... eu não vim trazer-vos nenhum problema a ser resolvido. Somente senti-me na obrigação de... – e parecia não haver bajulação ou interesse na sua voz, ou talvez tivesse interesse, mas interesse de uma outra natureza: -...de dizer-vos que sou seu súdito fiel e que... que estarei pronto para qualquer coisa que precisardes, qualquer coisa!

A essa altura ele não sorria mais, parecendo contemplá-la profundamente.

Ela não lhe sorriu, mas também não demonstrou desagrado. Parecendo confortável no trono, respondeu, ainda com voz suave:

-Compreendo vossa posição. Chamar-vos-ei, certamente, assim que necessitar.

Ele sorriu novamente, se inclinou e saiu.

Ela, por sua vez, bem... não se pode dizer que sorriu, pois quem um dia já viu a rainha de ouros sorrir? Mas na sua face não se podia dizer que não houvesse uma componente de satisfação, pois a fisionomia que apresentou (para ninguém) foi uma fisionomia misteriosa. Não misteriosa como o quadro da Mona Lisa, pintado por Leonardo da Vinci: não, muito mais misteriosa.

#####

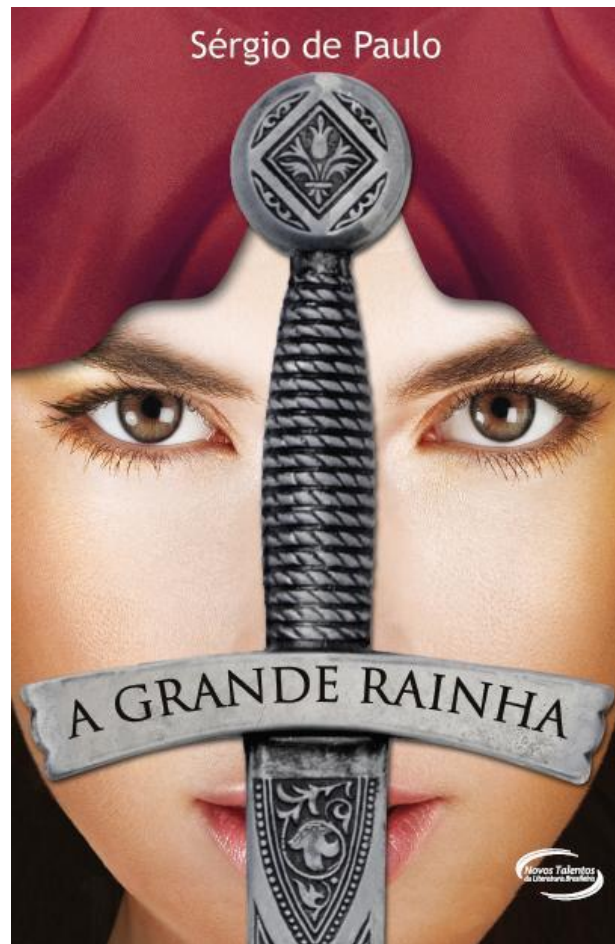
[www.mitraxsaga.com](http://www.mitraxsaga.com)

Próximo conto da *Saga de Mitrax*:

**O ARCANJO MIGUEL E O DEMÔNIO DE NÊMENA**

Já nas livrarias:

O primeiro livro da Saga de Mitrax:



# A Grande Rainha

Nas melhores livrarias do país.